

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ - CCCO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA DE LOURDES SILVA MACEDO

Os Desafios da Convivência em Família com a Surdez: relatos de uma experiência pessoal.

CODÓ-MA
2023

MARIA DE LOURDES SILVA MACEDO

**Os Desafios da Convivência em Família com a Surdez: relatos de uma experiência
pessoal**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão-Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda

Codó – MA

2023

Macedo, Maria de Lourdes Silva.

Os Desafios da Convivência Em Família Com A Surdez : Relatos de Uma
Experiência Pessoal / Maria de Lourdes Silva

Macedo. - 2023.

24 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda. Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2023.

1. Convivência. 2. Desafios. 3. Família. 4. Surdez.

5. . I. de Arruda, Prof. Dr. Aziel Alves. II. Título.

MARIA DE LOURDES SILVA MACEDO

Os Desafios da Convivência em Família com a Surdez: relatos de uma experiência
pessoal

Monografia apresentada ao curso de pedagogia
da UFMA/ CAMPUS VII – Codó, para
obtenção do diploma de licenciatura em
pedagogia.

Aprovada em 10 / 11 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda Orientador
Orientado

Prof. Dr. Joelson de Sousa Morais
1º Examinador

Prof. Ma Lucinete Fernandes Vilanova
2º Examinado

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu força e coragem para vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentados durante o curso, que me fez aprender aquilo que eu por muitas vezes achava que não conseguiria, dando-me serenidade e forças para continuar.

Agradeço imensamente minha avó Maria da Conceição Silva Macedo, por todo o apoio ao longo da minha jornada acadêmica, obrigada por não ter soltado a minha mão.

Agradeço minha filha Layza Sophie Macedo por ser meu incentivo diário em busca de um futuro melhor.

Agradeço meus colegas de turma que me ajudaram com a minha dificuldade em comunicação, em especial as minhas amigas Nayrine Francisca Sousa Siqueira e Jardiele Silva Costa, obrigada o processo se tornou mais leve ao lado de vocês.

Agradeço ao meu orientador e professor Dr. Aziel Alves de Arruda por ter acreditado na possibilidade da realização deste trabalho, pelo seu encorajamento, pela disponibilidade e sugestões que foram preciosas para a concretização dessa monografia.

Agradeço a todos dessa instituição (UFMA) que permitiram que eu chegasse onde estou e alguns colegas que me ensinaram no momento o qual eu não sabia fazer.

Agradeço especialmente aos professores, que me incentivaram a continuar lutando.

RESUMO

A presente pesquisa é um relato de vivência, que teve como objetivo apresentar as marcas que a surdez imprimiu na minha família, tendo em vista nosso cotidiano com minha avó surda, visando todos os desafios enfrentados pela família. Dando ênfase no convívio dos familiares com os membros surdos que compõem a família, o mesmo relata como as famílias recebem a notícia de um membro surdo. E como a família reage, o foco da pesquisa é a família e o sujeito surdo na convivência cotidiana, da aceitação a exclusão, sendo assim a família o primeiro alicerce desse membro, e vale salientar a frustração da mesma com a notícia e dificuldade desses indivíduos em se desenvolver em língua de sinais. Já que os surdos que nascem em lares ouvintes tem menores oportunidade de se desenvolverem como pessoas autônomas donos de si, pela não aceitação de libras por parte da família, tem como intuito mostra a língua de sinais LIBRAS e sua importância para o desenvolvimento de reintegração desses sujeito a sociedade. Que por muito tempo lhe foi negado o direito da comunicação voltadas para pessoas surdas e as conquistas e avanços da comunidade surda em busca de uma sociedade mais justa e inclusiva. Concluo que a família é de fato um espaço de acolhimento e que a inclusão da pessoa surda está ligada na aceitação de libras como o meio linguístico e culturais da comunidade surda.

Palavras-Chave: Convivência. Desafios. Família. Surde

ABSTRACT

This research is an experience report, which aimed to present the marks that deafness had on my family, taking into account our daily life with my deaf grandmother, aiming at all the challenges faced by the family. Emphasizing the coexistence of family members with the deaf members of the family, it reports how families receive the news of a deaf member. And how the family reacts, the focus of the research is the family and the deaf subject in everyday life, from acceptance to exclusion, with the family being the first foundation of this member, and it is worth highlighting their frustration with the news and difficulties of these individuals. to develop in sign language. Since deaf people who are born in hearing homes have less opportunity to develop as autonomous people who own themselves, due to the family's non-acceptance of Libras, the aim is to show the LIBRAS sign language and its importance for the development of reintegration of these people. subject to society. That for a long time he was denied the right to communication aimed at deaf people and the achievements and advances of the deaf community in search of a more just and inclusive society. I conclude that the family is in fact a welcoming space and that the inclusion of deaf people is linked to the acceptance of Libras as the linguistic and cultural medium of the deaf community.

Keywords: Coexistence. Challenges. Family. Deafness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS SUJEITOS SURDOS.....	10
3 SURDEZ: UMA LINHA DO TEMPO.....	11
3.1 Surdez e Família.....	14
4 A LEI DE N° 10.436, DE ABRIL DE 2002.....	16
5 NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS: CONVIVENDO COM MINHA AVÓ SURDA UM MOMENTO DE AMOR.....	18
6 EMBASAMENTO METODOLÓGICO.....	21
7 CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	21
REFERENCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

A família tem um lugar central na vida do ser humano, pois tem o dever de apoiar e conduzir pelo caminho certo. Ajudando na evolução dos seus membros, são responsáveis pelo processo de interações que possibilita ou não uma boa relação entre os seus membros, o fato de ter um indivíduo na família que possua algum tipo de deficiência, pode mudar completamente a estrutura família podendo ser de um modo bom ou ruim, sendo esse indivíduo um surdo que tem como auge de complexidade a comunicação, surge os anseios, medos e várias teorias de como trata. Fora o medo do julgamento e preconceito da sociedade que não sabe respeitar e lidar com as diferenças.

A chegada de um membro portador de alguma deficiência acarreta mudanças substanciais no interior da família. Essas mudanças são apontadas como tempo de adaptação da família à nova situação, como um período que pode ser mais longo e mais difícil conforme a estrutura e características de cada família. (Negrelli; Marcon, 2006, p. 101).

A vista disso são vários os problemas que parte da família, que surge uma grande mobilização e reabilitação familiar, e não se pode negar que é uma situação uma quanto desafiadora para família, que incluem diversas adaptações que chegam a variar de família para família, mais também pode causar aproximação entre membro ou afastamentos. A Família tem o poder de introduzir na sociedade um indivíduo que saiba viver nela, outro ponto é que família muitas vezes não nota mais está praticando o capacitismo aplicando rótulos a partir da deficiência do indivíduo em momento que fazem comentários pejorativo relacionado a deficiência do outro, e tratá-los como incapaz, achar que pôr o indivíduo ser deficiência ele é incapaz de exercer a mesma função ou trabalho de outros indivíduos sem qualquer tipo de deficiência, de certo que todos temos limitações, desde modo o capacitismo nada mais é que uma forma de preconceito com as pessoas deficientes. No caso a deficiência auditiva ter que lida com indivíduos é difícil, e acabar gerando muitas dificuldades, a família é sim um ponto de apoio, mas também pode ser um ponto de exclusão.

Tendo em vista a base familiar que nem todos estão preparando para convivência com surdez, que tem como dificuldade básica ao indivíduo se comunica com as demais pessoas, e a família tem o papel importante de socializar e de reintegrar esse indivíduo a sociedade, função difícil e dolorosa, principalmente para aqueles indivíduos que conseqüentemente obtiveram a deficiência Já com uma maioridade, pois terá de reaprender funções básicas para se comunicar

com as pessoas, a família é primeira a desenvolver essa comunicação, tanto em jovens como adultos. O primeiro centro de diálogo de pessoas surdas que é de suma importância pois facilitar a convivência em sociedade para criar vínculos para além da família desenvolvendo relações essenciais para a vida, Negrelli e Marcon (2006) consideram que o surdo é um sujeito bilíngue por ter uma língua, cultura e identidade própria, dessa maneira sua primeira língua é a de sinais, e a segunda é a língua portuguesa. Afirmam ainda que, para que ocorra o desenvolvimento da sua linguagem e sua cognição, a criança surda deve ser exposta a língua de sinais o mais rápido possível. O indivíduo surdo tem grandes barreiras para enfrentar, como qualquer outro indivíduo que disponha de uma deficiência, a sociedade é cruel e preconceituosa que torna quase impossível a convivência dos mesmos, tendo em vista o modo que a sociedade os trata, assim sendo apenas mais uma minoria negligenciada por essa sociedade, uma parcela invisível que não tem uma assistência de qualidade, que não tem seus direitos básicos garantidos mais muitas das vezes violando e desrespeitando, que se torna um sofrimento tanto para os deficientes como para a família que tem que se preocupar com inúmeros problemas, tendo que manter um ciclo familiar harmonioso e de muito amor para ajudar os indivíduos com sua adaptação nos diversos espaços da nossa sociedade, mais como em todas as épocas é necessário enfrentar a realidade e lutar por garantias de um futuro melhor, não se abalar com as derrotas do caminho e se orgulhar das vitórias, ter uma deficiência onde a sua maior dificuldade e a comunicação é de fato um problema, pois a comunicação é o centro das interações do ser humano, mais cabe dizer que existem vários tipos de comunicação. Portanto o presente projeto de conclusão de curso (TCC) de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Codó – MA, tem como objetivo Os Desafios da Convivência em Família com a Surdez: relatos de uma experiência pessoal. O surgimento do interesse por essa temática foi a observação da minha própria família em relação à surdez da minha avó, durante várias conversas, e de como foi que ocorreu a sua perda auditiva resolvi que a surdez seria o enfoque do meu trabalho, ligando a família e as relações de convivência, pois, o meu principal objeto de estudo seria a minha família. Relacionado à família com a surdez e o preconceito que os indivíduos sofrem e relata as vivências de uma família onde vivi inúmeras situações tanto ocasionadas pela família como em diversos setores, e mostrando como o apoio familiar é fundamental no desenvolvimento da comunicação com seus membros surdos.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS SUJEITOS SURDOS

Os surdos sofreram ao longo dos tempos, foram escravizados, largados a própria sorte e até mortos. Também foram proibidos de frequentarem Igrejas de se casarem e até mesmo de herdarem suas heranças, por não conseguirem se comunicar. Acerca dos desafios enfrentados pelos surdos foram muitos, mas o enfoque principal foi em torno da aceitação da Língua de Sinais, aonde houver inúmeras recusas pelos ouvintes das diversas épocas, o Congresso Internacional de professores Surdos que aconteceu na Itália no ano de 1880 na cidade de Milão, foi o um retrocesso para a comunidade surda tendo em vista a votação que elegeu o oralismo como a melhor forma de educar os surdos, vale salientar que a grande maioria desse pesquisadores eram pessoas ouvintes votando sobre qual a melhor forma de educar pessoas surdas.

Contudo o oralismo não foi bem aceito, pela comunidade surda que mesmo com a Língua de sinais proibida continuaram a usá-la, sugeriram outras metodologias como a comunicação total e o bilinguismo a comunicação total também falhou pois misturou diversos métodos e usava a língua de sinais apenas para auxiliar no ensino da língua oral para surdos. Segundo Machado (2008, p. 63) nessa visão a língua de sinais não é vista como a língua mais importante para os surdos, mas sim um recurso comunicativo para aquisição da língua majoritária, o que reafirma o pressuposto do oralismo.

Já o bilinguismo foi bem aceito por diversos pesquisadores, pois defendia a língua de sinais como língua materna dos surdos, mas que posteriormente os surdos poderão ser educados na língua escrita e oral língua majoritária da comunidade ouvinte, de fato os surdos enfrentaram grandes desafios para poderem se comunicar no Brasil Libras foi reconhecida como língua oficial utilizadas por pessoas surdas em âmbito federal, somente em 2002, por meio da Lei de nº10.436, assim a comunidade surda garantiu seu direito a comunicação, que foi um grande marco, mas mesmo depois de aceitar e desrespeitada, levando em conta o preconceito da sociedade que encista em não levar a sério os direitos das pessoas surdas, a sociedade não aceita a língua de sinais como a forma dos surdos se comunicarem, pois permanecem com esses pensamentos errôneos que os surdos é incapaz e que não fala, portanto foram vários os desafios mais hoje os surdos ocupam lugares de destaque na sociedade foram conquistando aos poucos seus espaços ao longo do tempo e cada dia mais estão conquistando e a principal conquista e poder se comunicarem em LIBRAS.

3. SURDEZ: UMA LINHA DO TEMPO

São poucos os registros da história dos surdos, durante a Pré-história, a Antiguidade e a Idade Média. Sabemos que eram dominados por ouvintes e excluídos totalmente da vida em sociedade.

A presença do povo surdo é tão antiga quanto à humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecido como seres humanos. (Strobel,2008b, p.42)

Na literatura os surdos aparecem nas sociedades antigas, onde destacasse o abandono e equívocos contra o povo surdo em diferentes épocas. A exemplo a Pré-história que o estilo de vida era o nômade, onde era impossível a sobrevivência de uma criança “deficiente” como afirma Gugel (2008):

As tribos se formaram e com elas a preocupação em manter a segurança e a saúde dos integrantes dos grupos para a sobrevivência. Os estudiosos concluem que a sobrevivência de uma pessoa com deficiência nos grupos primitivos de humanos era impossível porque o ambiente era desfavorável e porque essas pessoas representavam um fardo para o grupo. Só os mais fortes sobreviviam e era inclusive muito comum que certas tribos se desfizessem das crianças com deficiência.

Não se sabe até que ponto as pessoas surdas sobreviveram pois tinham as mesmas características físicas de pessoas ouvintes “não-deficientes”.

Historicamente os sujeitos surdos obtiveram diversas formas de tratamento, no Egito e na Pérsia eram tratados de forma privilegiada, pois acreditavam que os mesmos eram enviados dos deuses, sobre pessoas surdas no Egito e na Pérsia Strobel diz:

Para os países Egito e Pérsia, os surdos eram considerados como sujeitos privilegiados enviados dos deuses, porque pelo fato dos surdos não falarem e viverem em silêncio, eles achavam que os sujeitos surdos conversavam em segredo com os deuses numa espécie de meditação espiritual. Havia um possante sentimento de respeito, protegiam e ‘adoravam’ os surdos, todavia os sujeitos surdos eram mantidos acomodados sem serem instruídos e não tinham vida social. (2008b, p. 82)

Na Antiguidade os chineses lançavam os surdos ao mar, já os espartanos os lançavam de altos de rochedos. Na Grécia segundo Moura (1996), Aristóteles (384a.C.-322a.C) declarava que os surdos não possuíam uma língua, assim eram considerados como incapazes, ele acreditava que os surdo por não escutarem não desenvolveria a falar, desta forma os surdos eram marginalizados e deixado a própria sorte, agrupados com doentes e deficientes mentais ou até mesmo condenados a morte.

Já na Roma influenciados pelos gregos tanto nas artes como na políticas sua visão em

relação as pessoas surdas eram bem semelhante, pois os mesmos não aceitavam os surdos, matavam e jogavam do rio ou os abandonavam. Os raros casos que conseguiam sobreviver eram os surdos que os pais escondiam, também tinha os casos dos surdos que foram escravizados. Nessa sociedade as pessoas surdas não podiam exercer seus direitos pois existiam uma variedade de leis que os excluía do convívio em sociedade. Os surdos na antiguidade eram vistos como uma anomalia a ser excluída da sociedade, pois acreditavam que a ausência do falar tornaria os mesmos seres incapazes de produzir pensamentos, já que o pensamento estava atrelado a fala, assim os surdos não teriam condições de aprendizagem, pois quem não escutar não falar, e quem não falar não pensar, com esse pensamento totalmente equivocado gerou a expressão “ Surdo-mudo”. Os surdos tiveram seus direitos ceifados pela sociedade.

Moura (1996) relata que na Idade Média Igreja católica acreditava que as almas dos surdos não eram imortais pois os mesmos não podiam verbalizar as palavras do sacramento, acreditavam que os pais que tinham filhos surdos estavam pagando por seus pecados sendo assim a participação do surdo em igrejas não eram permitidas, e o casamentos desses indivíduos era permanentemente proibido.

É importante destacar que na antiguidade foram feitas menções sobre os surdos no livro sagrado, há várias passagens na Bíblia sobre deficientes. Na época era muito comum acreditar, até nos dias de hoje existe essas crenças baseadas na cura da surdez pelas mãos de Deus.

Foi somente na Idade Média que os surdos tiveram destaque por meio do surgimento da filosofia e das ciências, assim a situação dos surdos teve rumos diferente com a institucionalização metodologias voltadas as eles, destaca-se também os valores de cunho pessoal, família e financeiro passaram a influenciar na visão de surdo e surdez.

O primeiro a trabalhar com educação de surdo foi o médico italiano Girolamo Cardano, cujo o filho era surdo e não poderia receber seus bens e títulos caso fosse declarado incapaz, destas formas os surdos de família nobres eram ensinados a falar e a ler para serem reconhecidos legalmente e herdar os títulos e fortuna. Outro nome de grande destaque na educação de surdos foi o espanhol Pedro Ponce de León (1520-1584), o monge beneditino foi o primeiro professor de surdos na história, um pouco mais tarde surge a primeira escola para surdos em 1755, na França com auxílio público formada por Abade Charles Michel de L’Epée (1712-1789). O Instituto Nacional Para Surdos mundo, a educação do instituto foi marcada pela passagem da instrução individual para a educação coletiva, era especialmente favorável a Língua de Sinais, conta a história que L’Epée ao se depara com duas irmãs surdas conversado por sinais, ficou muito interessado por essa forma de comunicação e passou a ter contato com surdos pobres de Paris aprendendo a língua de sinais. O mesmo considerava o treinamento da fala muito

demorado e criticava o alfabeto digital por ser um instrumento primário e insuficiente para a comunicação. Entre os anos (1579-1629) Juan Pablo Bonet aproveitou os estudos até então desenvolvido por Pedro Ponce de León e escreveu o primeiro livro sobre o ensino de surdos, Juan defendia tanto o uso escrito como a ideia de que tutores e pais a empregassem na educação da criança desde cedo.

Um marco de grande relevância na história dos surdos foi o Congresso Internacional em Milão onde decidiu-se que a língua gestual fosse praticamente banida como forma de comunicação de pessoas surdas, em votação ficou decidido pela grande maioria que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo método oral, vale enfatizar que o método oral foi votado por pessoas ouvintes, que não sabiam as dificuldades dos surdos, outro ponto importante foi a não aceitação desse método pela comunidade surda, mesmo com a opressão oralista a língua de sinais se manteve viva, pois os surdos utilizavam a língua de sinais escondidos para comunicar-se.

Sugiram outros métodos como a comunicação total e o Bilinguismo, a comunicação total que era a junção de todos os modelos linguísticos; gesto, língua de sinais, fala, leitura orofacial, alfabeto manual leitura e escrita. Esse método teve muitos simpatizantes, porém tinha suas falhas, desta forma foi bastante criticada por não fazer o uso adequado da língua de sinais na sua estrutura própria, a mistura de duas línguas foi o grande problema para esse método, essa mistura entre língua de sinais e lingual portuguesa, com isso deu-se início na década de 80 ao bilinguismo que tinha como proposta priorizar a língua de sinais como primeira língua, a língua dos surdos e a língua escrita português que é falada pelos ouvintes como segunda língua. Esse método foi bem aceito por muito pesquisadores pois concordavam que os surdos eram sujeitos bicultural e a necessita aprender duas línguas distintas em sua modalidade.

A educação de surdos no Brasil começou com a chegada do professor surdo Hernet Huet a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para surdo o Imperial Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Fundado em 1857 e foi um dos grandes marcos para educação de surdos brasileiros, nos dias atuais o Instituto recebe o nome de Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES. Tivemos no Brasil o reconhecimento de Libras como língua oficial utilizadas por pessoas surdas em âmbito Federal, somente em 2002, por meio da Lei de nº10.436. Com esse reconhecimento se ampliou o ensino e difusão da língua brasileira de sinais.

3.1 Surdez e Família

A família é o ponto principal do indivíduo sendo ele surdo ou não, vale salientar o desespero dos pais ao receberem o diagnóstico de surdez, é muito comum a não aceitação, e a buscar implacável desse pais pela “cura”, é normal o filho tão aguardado tão desejado ser “imperfeito”, ocorrer um misto de emoções e a forma que os pais recebem o diagnóstico influencia abruptamente no processo de aceitação dos filhos surdos, existir nos pais o sentimento da ruptura do sonho idealizado, do filho perfeito, sadio, o desmoronar de um sonho, para muitos pais é como se houvesse a perda desse filho. Instala-se o sentimento de tristeza profunda e necessário ter esse tempo de luto de maturação das ideias por parte da família, para que haja assistência ao surdo integrante desta família, vale destaca que devem buscar formas para não serem pais deficientes, onde limitem as crianças por serem surdos, já que os mesmos serão postos à prova todos os dias, tanto entre eles como com profissionais e a comunidade geral. Vale destacar que sociedade é cruel, que o preconceito é predominante e a falta de informação é um grande aliado em relações a surdez, desta forma como a família não está preparada para ter um filho com uma deficiência a sociedade também não, a presença de um filho com deficiência na família acarretará em uma reorganização familiar, o ser humano em geral não está prepara para ter um filho com deficiência.

Da a luz a uma criança deficiente é um acontecimento repentino. Não há aviso prévio, não há tempo para se preparar. Praticamente inexistente um aconselhamento educacional ou psicológico aos confusos pais, nesse momento crucial (...) Grande parte do farão por seus filhos se baseará no instinto ou método do ensaio e erro. Quanto ao sentimento, medos ansiedade, confusão e desespero, terão de controla-los da melhor maneira possível (Bucaglia, 1997).

Quando se nascem um surdo membro de uma família ouvinte, gera-se situação traumáticas, tensa, de muita ansiedade e muitos conflitos familiar. Em que pode ocasionar rupturas entre os membros da família, ao descobrir sobre o diagnóstico de surdez cabe aos pais uma aceitação de forma benéfica aos seus filhos, e busquem partilhar suas aflições com pessoas que passem pelo mesmo processo de: choque, reação e adaptação.

Essa fase deve ser vivida, para que possa ser reconhecida e compreendida assim os sentimentos passam a ser aliados e não inimigos dessa fase tão crucial das famílias, como ponto principal a família se tornar o alicerce dos membros surdos, que buscam uma independência, e é criando oportunidades de conhecer a comunidade surdo e de fazer interações com outros indivíduos, lembrando que o indivíduo surdo tem a mesma capacidade de um indivíduo ouvinte, porém ambos tem suas limitações, o surdo também tem que lidar com a proteção excessivas da família, que deixa o mesmo em uma situação complicada apenas no ciclo família sem

conhecimento do mundo, isso acontece pela falta de respeito da sociedade em geral, a não informação contribuem para essa sociedade preconceituosa.

Vigotski transcorreu sobre a relação entre linguagem e pensamento, referindo que a construção de um conceito abstrato não se consolida sem a palavra, pois ela é o signo mediador. Pela experiência sociocultural e pela linguagem é que o pensamento se desenvolve. Assim sendo, o pensamento existe por meio das palavras e é expresso por elas (Rodríguez, 2000). O significado da palavra é o que retém as propriedades do pensamento verbal. É no significado da palavra que se encontra uma conexão muito íntima entre pensamento e fala e muitas vezes é difícil separar um do outro (Pino, 2005). Desta forma a desenvolvimento da língua partindo do pressuposto que a aquisição do falar se dá em o primeiro contanto com a família, a comunicação com membros e pertencimento ao núcleo familiar. Assim o sujeito surdo coloca em pauta de como se sente um estrangeira nesse núcleo, muitas das vezes na solidão no isolamento são essas problemáticas que atrapalhar na construção da sua identidade e subjetividade. Das mais graves são as formas de tratamento, pois os indivíduos com deficiência de sentem um peso para a família.

4. A LEI DE N° 10.436, DE ABRIL DE 2002

Após grandes lutas e considerando a necessidade dos surdos em se comunicar pela sua língua natural foi aprovado em 24 de abril de 2002 a Lei de nº 10.436, que oficializa a LIBRAS como língua dos surdos brasileiros, para a comunidade surda o reconhecimento da língua natural dos surdos foi um grande marco, pois com essa oficialização surgiu novas oportunidade aos indivíduos surdos, o marco principal foi o direito de se comunicar e de serem inclusos na sociedade.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002, p. 1).

A Lei de LIBRAS foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, no artigo 2º “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da língua Brasileira de Sinais-Libras” (Brasil,2005). Para a

comunidade surda o reconhecimento legal da língua natural dos surdos brasileiros foi de grande relevância, através desse decreto que oficializou a língua brasileira de sinais surgiram novas oportunidades para o indivíduo surdo, garantindo os seus direitos, podendo comunicar-se e serem incluídos na sociedade.

Na educação, para garantir o direito a atendimento especializado para alunos surdos no Ensino Regular, foi previsto no mesmo Decreto supracitado a inclusão de LIBRAS como disciplina curricular nos cursos superiores de formação de docentes,

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (Brasil, 2005, p. 1).

A LIBRAS cada vez mais ganhou espaço e reconhecimento como esta na lei as instituições superiores devem ter no currículo, como devem investir na formação de professores surdos e ouvintes para que esses futuros docentes já venham com a língua de sinais incluída na sua formação

Art. 12. As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto (Brasil, 2005, p. 4).

Para a garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, O artigo de número 22 do Decreto nº 5.626 declara que “as instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva”, devem ser incluídos nas classes de ensino regular para alunos surdos e ouvintes, em escolas bilíngues, ou seja, que ensinam a LIBRAS e a modalidade escrita da língua portuguesa, utilizando-as no desenvolvimento de todo o processo educativo dos alunos surdos e ouvintes. As disciplinas podem ser ministradas por docentes das diferentes áreas do conhecimento, no entanto devem estar cientes da “singularidade linguística” dos alunos surdos, prezando pela necessidade da presença de intérprete em sala de aula. Quanto ao direito da inclusão em sala de aula do tradutor e intérprete de LIBRAS para a Língua Portuguesa, está previsto artigo 21 do capítulo V do mesmo Decreto que:

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras- Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o caput atuará:

I– nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II– nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III– no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino (Brasil, 2005, p. 7).

O papel do intérprete é muito importante na vida do aluno surdo, pois a inclusão do aluno surdo não é estar apenas inserido em uma sala de aula sem ter uma interação ou participação, o interprete para um aluno surdo significa a possibilidades de aprender da mesma formar com as disciplinas que os alunos ouvintes, como acontecia anteriormente nas escolas, ele deve participar das aulas assim como os demais alunos ouvintes e interagir com os colegas e professores, porém esse aluno necessita do auxílio de um profissional qualificado em sala de aula para seu desenvolvimento educacional, pois a inclusão não é apenas abrir vagas na escolas para alunos com deficiência mas sim possibilitar sua permanencia, e garantir uma educação com os profissionais que o auxiliem a se desenvolver como qualquer outro aluno.

5. NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS: CONVIVENDO COM MINHA AVÓ SURDA UM MOMENTO DE AMOR

Desde quando nasci entendo que a surdez faz parte da minha família, porém entender que o indivíduo surdo tem uma dificuldade para se comunica foi um pouco difícil, foi compreender com o tempo e me lembro de muitas vezes, ficar irritada pelo fato da minha avó surda não entender o que eu estava expressando através do falar, e vejo no meu sobrinho esse mesmo problema quando ele tentar conversar com a minha avó é ela não escutar, quando não a o retorno dela para ele, existe essa frustração, o mais interessante é que a crianças faz de tudo pra conversar com ela falando alto, baixo e pausadamente até conseguir o retorno por parte dela, ele ter essa consciência mostrar como ele chegou ao entendimento que ela é surda muito rápido, meu entendimento não foi tão rápido, eu odiei o fato da minha avó ser surda por muito tempo, passamos por inúmeras situações que se for pra descrever não caberia nesse trabalho, as pessoas sempre agiam de forma arrogante enquanto criança eu já sabia diferenciar o tratamento das pessoas com a minha avó, sempre acompanhei ela em tudo e percebia a forma

que as pessoas tratavam ela quando ela dizia que escutava pouco ou que era surda o tratamento mudava o semblante era outro e a arrogância tomava conta.

Esses eventos eram muito comuns em repartições públicas, mas o lugar que mais traumatizou minha avó em relação a tratamento foi o hospital e postos de saúde, eram lugares que ela frequentava diariamente por conta de uma lesão no seu pé, então sempre íamos para fazer curativo e para ela era horrível a falta de empatia dos profissionais. Quando compreendi que minha avó de fato era surda busquei formas de melhor me comunicar, acredito que a família como primeiro centro comunicacional tem o dever de proporcionar interações, não restringido a comunicação e muito menos limitando a pessoa surda apenas no convívio familiar, na minha família sempre ocorreu de usamos leitura labial para termos um diálogo com minha avó surda minha. A mesma perdeu parte da audição logo após sua primeira gestação, segundo o seu relato ingeriu uma garrafada bebida típica que feita de uma mistura de ervas, segundo a mesma a bebida era para limpar o sangue que os mais velhos da família orientavam que mulher logo após o parto tomasse.

A noite ela sentiu uma dor muito forte de cabeça que fez a desmaiar, ao acordar ouvia apenas ruídos, ao ser questionada por mim se foi ao médico a mesma disse que não devendo residir na zona rural, e não ter condições financeiras e assim ficou. De fato a convivência familiar é muito difícil justamente por contar dela ser surda, usamos leitura labial para nos comunicamos com ela, falamos baixo e pausadamente, enquanto família desenvolvemos os nossos métodos de conversação com a mesma, que deu muito certo, tem algumas falhas sim, falamos algo que ela não entende se aborrece se frustra atualmente com 72 anos minha avó fez algumas consultas, mais a mesma nunca pensou em usar aparelho auditivos, segundo ela já é uma vida sem escutar e por mais que fosse o desejo de seus filhos ela não quis, e foi um decisão respeitada por todos.

Figura 1- Dona Conceição



Fonte: Arquivo Pessoal do autor

Ela como pessoa surda já passou por muitos descasos por parte da sociedade em geral, o não ouvir para se comunicar e uma situação um tanto complicada pois me lembro que enquanto crianças passamos várias situações desrespeitosas e preconceituosa com o tempo aprendi, o significado de cada uma dessas situações e nunca mais deixei acontecer, enquanto família temos o entendimento que precisamos manter o lar harmonioso, questionei vários membros da minha em relação ao se comunicar com ela, todos usam leitura labial, mantemos um centro de diálogo com ela, alguns membros relataram que sentem um pouco de desconforto em relação ao falar muito alto em lugares públicos, por contar da convivência observei que todos da família falam alto, a família fez minha avó sofrer muito até todos compreenderem que ela perdeu parte da sua audição. Falo da parte jovem da minha família, pois são exatamente 51 anos que ela é surda. Todos nós conhecemos a dificuldade de ser surdo ainda mais quando se trata no acesso das informações, já conhecia a língua brasileira de sinais, mais nunca procurei de fato informações concretas coisa que a universidade me proporcionou diálogos e aprender um pouco dessa importante conquista das pessoas surdas.

Me orgulho do ser humano incrível que minha avó é, pois com todas suas limitações comunicacional ela não desistiu de se comunicar com outras pessoas para além do ciclo familiar, sempre buscamos auxiliar ela em tudo, por mais forte que ela tenha se tornado com o tempo a sociedade é preconceituosa um tanto quando maldosa, e limitação do outro não é

respeitada, de fato cabe a família da toda assistência ao membro surdo e quanto mais cedo apresentar a língua de sinais mais rápido o mesmo se desenvolver como pessoa autônoma.

6. EMBASAMENTO METODOLÓGICO

Consiste em um relato de experiência seguido de uma pesquisa bibliográfica, que é entendida como uma revisão literária das principais teorias que norteiam o trabalho científico. Pizzani, et al. (2012) explicam que esse tipo de revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, que pode ser realizada em fontes como livros, periódicos, artigos de jornais e sites da Internet e quando é bem elaborada, pode gerar hipóteses ou explicações, que servirão de ponto de partida para pesquisas futuras principalmente quando se trata de um assunto pouco explorado. É a revisão de literatura que norteia e traz a base para a realização de qualquer pesquisa, sendo essa uma etapa primordial antes do desenvolvimento de um estudo, artigo, tese ou dissertação. Gil (2002), relata sobre as vantagens e desvantagens desse tipo da pesquisa bibliográfica, sendo vantajoso o fato de permitir que o pesquisador tenha uma série de fenômenos, maiores do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Como desvantagem, o autor apresenta que em determinadas situações as fontes secundárias expõem os dados coletados de maneira equivocada e acaba sendo uma fonte de reprodução e ampliação de dados errôneos.

7. CONSIDERAÇÃO FINAIS

Pontando fazendo a revisões sobre pesquisas com o tema surdez e relações familiares pode observar que as crianças surdas em sua maioria são oriundas de lares ouvintes, da mesma forma que os adultos que adquirem a surdez, o mesmo passa por uma reabilitação na fala pois tem que reaprender a se comunicar, em adultos e em crianças de lares ouvintes e muito comum fazerem o uso da leitura labial para ter uma conversação, sendo a família o primeiro polo comunicacional de uma pessoa surda, conseqüentemente a família vai impor barreiras para esses indivíduos, como já falado anteriormente essa família vai sofrer uma reestruturação ao ter um membro surdo, com essa reorganização surge algumas turbulência até chegar a aceitação quando a família não aceitar a surdez é muito difícil o surdo integrante da mesma conhecer a comunidade surda e a língua de sinais, vivenciando a realidade de uma pessoa surda entendendo que a família é o primeiro centro de diálogo da mesma, sendo uma experiência positiva ou não, contudo cabe a família fazer interações com a comunidade surda, busca conhecer algumas

instituição, conhecer pessoas que estejam na mesma situação é importante a família saber a história do povo surdo, conseqüentemente aprender LIBRAS para que aja a inserção desse membro, para seu desenvolvimento mútuo.

No meio histórico destaca-se todo o sofrimento enfrentados pelos surdos, aonde não tinham voz muitos menos vez, eram tratados como lixo e deixados à própria sorte, a vida do surdo começar a ser transformadas quando os ouvintes entendem a capacidade do mesmo em se comunicar, dado destaque a língua de sinais como o meio oficial de comunicação das pessoas surdas, destaco que essa imposição oralista por parte família atrasar o surdo no seu desenvolvimento em libras, e acabar por isolar o mesmo, a família deve aceitar o surdo e introduzi-lo a comunidade surda visando suas potencialidades buscando ter a clareza da importância da sua língua materna, o reconhecimento de libras por parte da família é de suma importância para a construção do membro surdo desta família, não ignora libras e a cultura própria dos surdos. Os surdos buscam por respeito e ter acesso a Libras e uma conquista imensurável, sendo a família o percurso que tem como objetivo ajudar o surdo no seu desenvolvimento, o quanto mais cedo possível mais rápido terão um indivíduo autônomo para viver na sociedade sendo independente.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – Libras, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BUSCAGLIA, L. F. **Os deficientes e seus pais**. 5ª ed. Rio de Janeiro – Record. 2006

Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2005. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 13 de abr. de 2023.

GLAT, R. O papel da família na integração do portador de deficiência. Revista **Brasileira de**

Educação Especial, v. II, n.4, p.111-118, 1996.

GIL, A. C. (1946). **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GUGEL, Maria aparecida Gugel. **Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho**. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão : um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Editora da UFSC. 2008.

MOURA, M. C. Surdez e linguagem. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Org.).

Tenho um aluno surdo e agora? – Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 13-26.

NEGRELLI, M. E. D; MARCON, S. S. Família e Criança Surda. **Ciências, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, abr. 2006.

PIZZANI, L. et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 01 set. 2023. ROD

PINO, A. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005. 303p.

Programa de estimulação do desenvolvimento, 2014. Disponível em:

<<http://www.ces.org.br/site/default.aspx>>. Acesso em 29 de julho de 2023.

RODRIGUERO, C. R. B; YAEGASHI, S. F. R. **A Família e o Filho Surdo**: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural. Curitiba, 1ed, 2013. 112p.

RODRIGUERO, C. R. B. O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo. **Sicologia**

em **Estudo**, Maringá, v. 5, n. 2, p. 99–116, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722000000200008 Acesso em: 12 abr. 2023.

STROBEL, Karin. **Surdos : vestígios não registrados na história**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008b.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC. 2008a.

SOUZA, G. F. **Relações familiares entre surdos e ouvintes: análise de narrativas biográficas**. 2018. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

VIGOSTKI, Lev Semenovich. **Fundamentos de Defectologia**. La Habana: Pueblo y Educación, 1989.

YAMASHIRO, J. A.; LACERDA, C. B. F. DE. **Ser Irmão de uma Pessoa Surda:**

Relatos da Infância à Fase Adulta. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 22, n. 3, p. 367–380, set. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/YZWJZgnvFYqVdXL7pQZ7nyJ/?lang=pt> Acesso em: 27 maio. 2023.